



Metalúrgicos do ABC ocuparam a Avenida Paulista, em São Paulo, para protestar contra a decisão dos bancos de restringir o crédito para enfrentar a crise econômica mundial. Trabalhadores condenaram as aplicações na especulação financeira e defenderam o investimento em produção e emprego.



Com o tema *Construindo um Brasil justo e democrático: emprego e trabalho decente*, o 6º Congresso dos Metalúrgicos do ABC foi aberto dia 15 de setembro com um debate. Suas atividades serão retomadas nestes sábado e domingo, na Sede.



Resultado do cassino em que se transformou o mercado financeiro, a crise econômica mundial chegou ao Brasil na metade do segundo semestre do ano passado e os patrões tentaram jogar essa conta nas nossas contas. A categoria foi às ruas por duas vezes para dizer que não pagará pela crise.



Uma das manifestações contra a crise reuniu companheiros de várias fábricas num só ato. A categoria começou o ano mobilizada, chamando a atenção do Brasil contra as demissões e para dizer não à flexibilização de direitos.



O seminário *ABC do Diálogo e do Desenvolvimento*, realizado em março deste ano, colocou lado a lado trabalhadores, poder público e representações empresariais para discutir saídas para a crise. O resultado foi a elaboração de mais de 100 propostas e a rearticulação da Câmara Regional do ABC.

Terça-feira  
12 de maio de 2009  
Edição nº 2645  
EDIÇÃO ESPECIAL

# Tribuna Metalúrgica



50 ANOS DO SINDICATO

# PARABÉNS, METALÚRGICOS!



O nosso Sindicato completa 50 anos hoje. Reviva ou conheça essa história nas próximas páginas. À noite, tem comemoração na Sede com a presença do presidente Lula.

# 50 anos do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC: construindo um Brasil justo e democrático



Parte da atual diretoria em cerimônia de posse em agosto de 2008. Compromisso de honrar a tradição herdada em 50 anos de luta pela democracia e uma vida melhor

Hoje, dia em que o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC completa 50 anos, as homenagens vão para os milhares de homens e mulheres que com suas lutas escreveram uma parte importante da história da classe trabalhadora brasileira.

Pessoas que enfrentaram os tanques da ditadura, estiveram na vanguarda da luta em oposição aos que tentaram tirar nossos direitos, saíram às portas de fábricas, às ruas e praças para exigir liberdade, justiça e melhores condições de vida.

Todo esse processo rico e combativo formou uma consciência e, dela, um contingente enorme de militantes e lideranças que hoje estão nas universidades, nas ONGs, nos movimentos

populares e nas várias esferas do poder público, ou comandam cidades, Estados e o próprio País.

Entendemos que democracia deve ir além do direito ao voto. É também o direito de se organizar no local de trabalho, opinar e participar das decisões que afetam a vida do trabalhador.

Completar o processo de implantação da democracia no Brasil é a maior ambição do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Todos os países que alcançaram democracia, melhor distribuição de renda e justiça têm em comum um movimento sindical forte.

Temos certeza que nossa tarefa é seguir pela

jornada que começamos a percorrer há tantos anos porque acreditamos que alcançaremos um País desenvolvido, solidário e igual a todos os brasileiros e brasileiras.

Disposição e compromisso temos de sobra para manter essa bandeira levantada, como você poder conferir nesta sequência de fotos e textos até a página 8.

São momentos que marcaram os nossos 50 anos de vida e contam a nossa história, uma parte da história da luta da classe trabalhadora brasileira.

*A diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC*



A assembleia de fundação do nosso Sindicato aconteceu no Sindicato dos Marceneiros de São Bernardo, teve a presença de 71 trabalhadores e foi comandada por Lino Ezelino Carniel, o primeiro presidente. O ABC era o centro do grande avanço industrial que tomava conta do País naquela época.



Passeata pelo abono de Natal em 1961 ocupou a região central de Santo André. A categoria participou ativamente da luta que culminaria com a conquista do 13º salário a todos os trabalhadores.



Plenária intersindical comemora o 1º de Maio em 1963 com conteúdo internacionalista. Em pleno auge da Guerra Fria, além das reivindicações dos trabalhadores, sindicalistas pediam paz e liberdade no mundo e fim dos ataques imperialistas contra Cuba.



O 1º de Maio de 1968, na Praça da Sé, em São Paulo, marcou a volta dos trabalhadores às manifestações de rua após o golpe militar de 1964. Os metalúrgicos do ABC participaram do ato que destruiu o palanque oficial em que o governador Abreu Sodré discursava. Em seguida, enfrentaram a polícia e foram em passeata até a Praça da República.



O novo ambiente econômico proporcionado pelo governo federal incentiva as lutas dos metalúrgicos em sua campanha salarial de 2003. Os acordos daquele ano registram os primeiros aumentos reais na categoria e rompem a lógica neoliberal que admite, no máximo, a reposição das perdas dos trabalhadores.



Categoria retoma campanha e em abril de 2004 cobra do governo federal o descongelamento da tabela do Imposto de Renda. Com essa luta, a tabela passou a ser reajustada todo ano e, em 2009, ganhou duas novas faixas de renda, aliviando o bolso dos assalariados.



A partir de 2004, as centrais começam a realizar a Marcha a Brasília com reivindicações dos trabalhadores. Na segunda edição, em dezembro de 2005, as centrais firmam acordo que reajusta o salário mínimo pelas taxas de inflação, mais o crescimento do PIB.



Disputando contra uma ampla coligação de forças conservadoras, Lula foi reeleito presidente da República em 2006 com quase 60 milhões de votos (64% do total), contra 38 milhões dados a seu adversário (36%). Lula venceu em 20 dos 27 Estados e em todas as seis faixas do eleitorado.

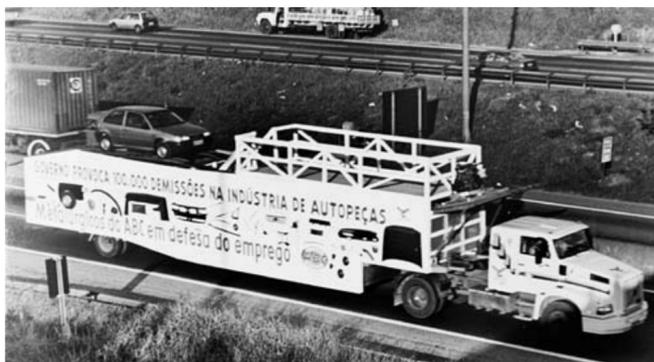


Cerca de 400 senadores e deputados aprovam a emenda 3, que cria a figura do trabalhador pessoa jurídica. A mudança acaba com o registro em carteira, transforma trabalhadores em empresas e coloca fim a todos os direitos. Os metalúrgicos do ABC participam das mobilizações que fazem o presidente Lula vetar o projeto.



Em julho do ano passado, mobilização consegue mais de um milhão de assinaturas para projeto de lei que cria a jornada de 40 horas semanais sem redução de salários. Categoria volta às ruas com sua bandeira histórica e acrescenta o fim do fator previdenciário a pauta.





Em 1995, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, aprofunda o processo de abertura da economia iniciado por Collor, colocando o País inteiramente sob políticas neoliberais. Na contracorrente, o Sindicato organiza a manifestação *Sem Peças o Brasil não Anda*.



O corte dos postos de trabalho continua sendo o grande problema da categoria. A *Maratona pelo Emprego*, em 1988, mobiliza em um só dia 40 assembleias simultâneas em porta de fábricas, 28 palestras em bairros, igrejas e escolas, carreatas e vários debates no Sindicato.



Em junho de 2000, os metalúrgicos desencadeiam movimento em defesa da assinatura do Contrato Coletivo Nacional de Trabalho para impedir que se pague salários diferentes para o mesmo serviço. A partir daí, as campanhas salariais começaram a ganhar organização nacional e assim continuam até hoje.



Luiz Inácio Lula da Silva, duas vezes presidente do Sindicato durante as grandes mobilizações do final da década de 1970 e início dos anos 1980, é eleito presidente da República com mais de 30 milhões de votos. Torna-se o primeiro operário a ocupar o posto no Brasil.



A campanha *Brasil Diz, Emprego*, de 1997, prossegue com as denúncias contra as políticas neoliberais do governo FHC. As medidas provocam sucessivos cortes nos postos de trabalho e levam o Brasil a uma das maiores crises de emprego de sua história.



Trabalhadores na Ford lutam contra 2.800 demissões anunciadas pela empresa. Movimento de 45 dias no início de 1999 colocou os metalúrgicos do ABC no centro da resistência contra o desemprego. Em um dos atos, trabalhadores forçam a entrada e ocupam a fábrica exigindo trabalhar.



Após uma semana de greve contra sete mil demissões, em novembro de 2001, os trabalhadores na Volks em São Bernardo aprovam acordo que suspende as dispensas e garante novos investimentos na planta. Negociação feita na Alemanha mostra uma luta globalizada, nova face da ação sindical diante da reorganização mundial da produção.



Em 1970, uma violenta repressão cala a sociedade e aumenta a exploração dos trabalhadores, criando as bases econômicas para o chamado milagre brasileiro. A propaganda oficial procurava vender uma imagem de paz e tranquilidade, criada às custas do arrocho salarial, censura e mordida aos trabalhadores.



Em 1977, explodiu o escândalo da manipulação pelo governo dos índices de inflação usados para corrigir salários. A subseção Dieese de nosso Sindicato calculou que faltavam 34,1% para zerar as perdas. A categoria inicia um grande movimento de reposição e acumula forças.



A Sede do Sindicato começou a ficar pequena para comportar a massa de trabalhadores que se dirigia para lá. A solução encontrada foi realizar as assembleias da categoria no estádio de Vila Euclides (atual 1º de Maio). Na primeira delas, em 1979, não havia palanque e Lula teve que falar em cima de mesas e debaixo de chuva.



Em 1980, a categoria entra em greve. O movimento, que durou 41 dias, sofre forte repressão do governo militar. Helicópteros do Exército sobrevoam o estádio de Vila Euclides para intimidar os metalúrgicos em assembleia. O Sindicato sofre nova intervenção, a diretoria é cassada e a cidade é cercada pelas forças da repressão para impedir qualquer reunião ou manifestação. Em resposta, a categoria assiste a missa do trabalhador na Igreja Matriz, organiza uma caminhada com mulheres à frente e resolve voltar ao Vila Euclides.



O I Congresso dos Metalúrgicos, em 1974, define as linhas gerais do movimento que ficou conhecido como novo sindicalismo e deu início ao rompimento com a estrutura oficial firmada a partir da promulgação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) em 1943.



Na manhã de 12 de maio de 1978, os trabalhadores na Scania, em São Bernardo, entraram na fábrica, vestiram o macacão, bateram o cartão e, em vez de ligarem as máquinas, cruzaram os braços exigindo aumento salarial. Depois de 14 anos de ditadura, os trabalhadores ocupavam a frente das lutas por democracia.



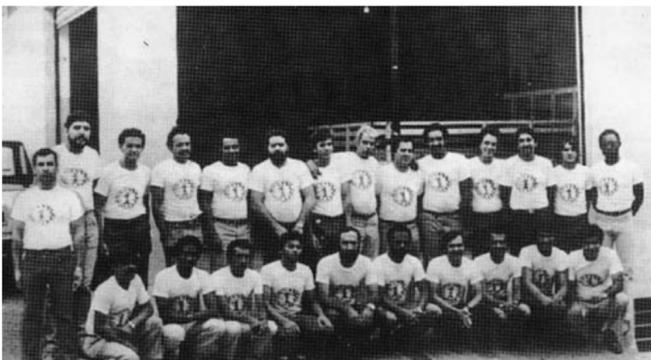
Em 13 de abril de 1979, os metalúrgicos do ABC deflagram a primeira greve geral de uma categoria urbana na história recente do sindicalismo no País. O governo militar responde proibindo as assembleias no Vila Euclides. O paço de São Bernardo torna-se o principal palco de outras lutas da categoria.



A organização no local de trabalho se consolida como pauta obrigatória dos metalúrgicos do ABC, em 1981, tornando-se objeto de lutas. Passeata dos trabalhadores dentro das instalações da Ford, em São Bernardo, defende a implantação da Comissão de Fábrica.



No ano seguinte a situação econômica estava ainda mais difícil para os trabalhadores. Para as elites a situação era outra, mas o discurso patronal continuava o mesmo. O cartunista Henfil flagrou com felicidade aquele momento difícil e produziu a ilustração que repetimos em nossa campanha salarial em 1983.



Em 1984, a diretoria cassada do Sindicato convoca uma convenção da categoria para escolher os representantes de fábrica que deveriam compor a chapa para disputar a eleição, inovando em relação aos procedimentos anteriores e avançando na democratização do Sindicato.



José Sarney assumiu a Presidência da República em 1985 e no ano seguinte baixou o Plano Cruzado que, sob a justificativa de conter a inflação, congelou preços e salários. Foi o início de uma série de planos econômicos que faziam o trabalhador pagar a conta.



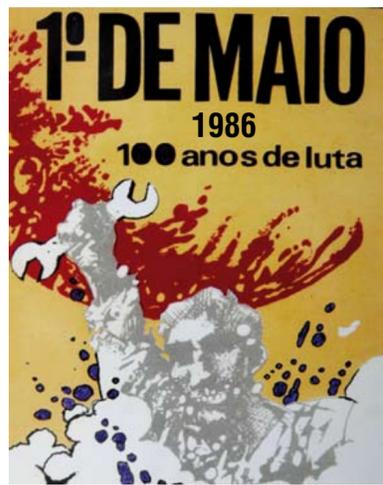
A campanha salarial de 1982 começou sob os efeitos da política econômica recessiva do governo. A categoria era duramente castigada pelo desemprego. Os patrões tentaram aproveitar a situação e a categoria se preparou para uma luta dura.



O governo militar intervém no Sindicato em resposta à greve de mais de 80 mil metalúrgicos do ABC em solidariedade aos petroleiros. Os trabalhadores de todo o Brasil reagem e o movimento de solidariedade se espalha, unificando a luta de todos no País. Foi esse o fermento para a fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores).



Categoria entra em greve em 1985 pela redução da jornada de trabalho, principal reivindicação da campanha salarial. Três anos depois, a conquista é assegurada pela Assembleia Constituinte, que garante na Constituição redução de jornada de 48 para 44 horas semanais.



A dívida externa explodiu nos anos 80, levando o Brasil a períodos seguidos de superinflação e recessão. O governo militar chegava ao fim deixando um ônus enorme aos trabalhadores. Tanto que a época ficou conhecida como a década perdida. Campanha da CUT em 1987 defendia o não pagamento da dívida externa.



No Paço de São Bernardo, metalúrgicos escrevem com os corpos o índice de 84,18% reivindicado na campanha salarial de 1989. Trabalhadores repetiram gesto de companheiros que, em 1979, tentaram escrever, também com os corpos, a palavra democracia no mesmo local e foram impedidos pela polícia.

No ano anterior, a inflação tinha alcançado 1.198%. O Sindicato responde com o *Acender a chama*, ato contra a recessão no governo Collor e pelo crescimento econômico. Manifestação inaugura vigílias que colocam importantes temas nacionais em debate.



Assembleia Constituinte conclui as votações da atual Constituição, em outubro de 1988, e consagra novos direitos graças às lutas e pressão dos trabalhadores. Além da redução de jornada, constam a licença maternidade de 120 dias, licença paternidade, 1/3 das férias pagas, multa de 40% do FGTS nas demissões e outros.



A campanha salarial de 1990 esbarrou na posse de Collor, em 15 de março e a data-base naquele ano ainda era em 1º abril. As negociações foram paralisadas devido às expectativas em relação a mais um pacote econômico. Foram renovadas as cláusulas sociais por 120 dias e as econômicas foram negociadas só no final do ano.

Categoria vai às ruas pelo impeachment do presidente Collor, acusado de corrupção. Movimento derruba o ex-governador de Alagoas e em seu lugar assume o vice, Itamar Franco.



A Câmara Setorial da Indústria Automotiva, puxada pelos metalúrgicos do ABC, marca uma nova fase de intervenção dos sindicatos na vida brasileira. Os trabalhadores passam a participar como atores na definição de políticas industriais, ao lado do governo e das empresas.